

Psicanálise e (in)tradução: quem buscar o ‘pópatapátaio’ do anti-léxico levará um pé na sua ‘bolaca de tcherpo’!

Psychoanalysis and (In)Translation: the ‘tcherpo’ who seeks the ‘pópatapátaio’ in the anti-lexicon will be ‘bolacakicked’!

Marie-Lou Thérèse Mariette Lery-Lachaume¹

DOI 10.52050/9786586030600.c9

1. Introdução: da Tradução à *Intradução*

Diversos desafios se colocam para quem se propõe a pensar a dobradiça “Psicanálise e Tradução” com o intuito de desferrujá-la. Sem cair na precipitação do pensamento por analogia, como é possível encostar teoricamente Psicanálise e Tradução, preservando ao mesmo tempo a singularidade das duas práticas? Como friccioná-las para que, ao se instruírem reciprocamente, a irreduzibilidade das tarefas traduzinte e analisante surja renovada sob uma nova luz? Enfim, desafio mais escaldante ainda, como tornar a articulação efetivamente frutífera? Esse conjunto de indagações por certo não será aqui desenvolvido, mas abordado pelo viés da análise dos frutos

1 Doutoranda nos programas de Pós-graduação em Linguística e em Linguística Aplicada na Unicamp. E-mail: marieloulerylachaume@yahoo.fr

recolhidos na sequência de uma experiência particular: a oficina que ofereci durante o evento “E por falar em tradução” (8/12/2020 – UNICAMP), cujo título inicial, “Psicanálise e Tradução” tornou-se, após o acontecimento da oficina, “Psicanálise e Intradução”. Ao expor diversas facetas do dispositivo proposto nessa ocasião, este texto visa interpretar retrospectivamente esse giro que, longe de ser uma pirueta meramente retórica, é significativo do vigor vivificador da articulação que nos interessa.

À luz de algumas noções oriundas do campo da teoria psicanalítica, que têm como característica comum trazer uma carga conceitual intimamente trabalhada pela *in-tradução* (aquilo que resiste a ser traduzido), três tópicos são expostos a seguir. Ele correspondem a três tempos do passo-a-passo de *intra-dução* (mergulho no fluxo buliçoso dos intraduzíveis) realizado na oficina: 1/ a gênese da oficina, momento preliminar em que o *moterial* de trabalho se produz de forma especial, simultaneamente singular e participativa; 2/ a exposição do léxico *unheimlich* dos intraduzíveis da oficina que, resultado do primeiro momento, configura a base estranhamente familiar das elaborações iniciadas no tempo da oficina; 3/ o resultado da experiência babélica proporcionada pela oficina, a saber, as perspectivas teóricas abertas pela concatenação neologística ocasionada – momento em que o nó “Psicanálise e Intradução” é reatualizado.

2. “Um intraduzível da sua escolha”: um moterial de trabalho singular e participativo

O oferecimento de uma *oficina*² pressupõe, além do trabalho coletivo, a dimensão do artesanato – isto é, tanto aquilo que se contrapõe à lógica da produção serial quanto o conjunto de peças de

2 Sublinho *oficina*, pois fazia questão de que, apesar de ser realizada de forma virtual e envolvendo mais de sessenta participantes, a oficina não virasse palestra.

uma produção humana. Além disso, deseja de escapar da suposição ontologizante de que existe um Intraduzível, tentei trabalhar o tema do intraduzível na sua concretude significativa, como diversidade e positividade³. O ponto de partida se formula da maneira seguinte: é preciso partir da matéria matizada, viva e abundante dos intraduzíveis. Portanto, propus que todos os participantes, antes do dia da oficina, colocassem a mão na massa.

Assim, cada um foi convidado a enviar, por e-mail, “um intraduzível da sua escolha” – quanto mais singular fosse, melhor. Com essa ideia de “intraduzível *singular*”, visava sair da evidência de alguns intraduzíveis culturalmente ou idiomáticamente compartilhados (pensemos no famoso “Nonada” de Guimarães Rosa, na “saudade” do português brasileiro ou, ainda, nos conceitos filosóficos intraduzíveis reunidos no ilustre *Dicionário dos intraduzíveis* (CASSIN, SANTORO, BUARQUE, 2018). Sair do “já intraduzido”, para melhor convocar um segundo tipo de intraduzíveis, mais incógnitos, discretos, inexplorados.

Dia após dia, uma galáxia de palavras estranhas e híbridas chegou à minha caixa eletrônica, um gota-a-gota de neologismos e outras criações poéticas do dia a dia, que resistem à transposição para outra língua e tinham, para quem as mandava, uma importância particular (ora o som, ora a conotação, ora uma lembrança de infância associada...). Entre as palavras encontradas no caminho de sujeitos interpelados como falantes, ouvintes e leitores, foram incentivadas as palavras translinguísticas, que misturam duas ou mais de duas línguas. A regra fundamental, em última instância, foi a seguinte: trazer um elemento de língua(s) que não existe em nenhum dicionário, mas participa de um vocabulário “caseiro”.

3 ² Sobre esse tema, remeto aos trabalhos da Barbara Cassin. Mais especificamente, para esclarecer o conceito de “intraduzíveis” e vislumbrar o alcance de algumas práticas de “intradução” na filosofia e na poesia, vale indicar a leitura do precioso verbete “INTRADUÇÃO” do *Dicionário dos intraduzíveis*, coordenado por Barbara Cassin e organizado na sua versão brasileira por Fernando Santoro e Luisa Buarque.

Inspirada no neologismo usado por Jacques Lacan (1975) quando, desconfiando do uso vago e não singularizado da categoria de “matérialisme” [em português, “materialismo”], elegeu a palavra “motérialisme”⁴ [moterialismo] a fim de caracterizar sua empreitada, proponho chamar de “moterial de trabalho” a coleção de palavras [mots] escorregadias que viriam a constituir o paradoxal material de trabalho da oficina. Fora da ordenação que o dado dito material garantiria, o moterial bagunça, babeliza o trabalho, instaurando a dimensão da falha, o desafio de lidar com os restos. Apostando no tremor da letra sempre suscetível de produzir a oscilação, palavras inusitadas, não lexicalizadas e frequentemente muito íntimas deram o tom da oficina. Estremecer, vibrar, sacudir. Surpreender-se e rir. Reviravoltar nossas línguas.

3. Um léxico ubuntu e unheimlich: a aposta da intradutologia

3.1. Apresentação do moterial:

Apresento agora o léxico – para não dizer o anti-léxico – composto pelos intraduzíveis recebidos por e-mail. A eles acrescentei mais quatro: dois surgidos como um lapso na vida cotidiana (“gordouillette”) ou no decorrer de uma sessão de análise (“sabeur”), e dois discutidos e (in)traduzidos no contexto da sala de aula (“nombriliste” e “une-bévue”), durante o curso “Leitura, Tradução e Discussão de textos em francês” (curso de extensão universitária, UNICAMP, 2020), em que foram trabalhados textos de Derrida e de Lacan. Nos “verbetes”, ficam entre aspas as explicitações que acompanharam, em cada e-mail, a proposta do intraduzível singular, seguidas pelo nome do participante e da fonte entre parênteses. Quando enviado sem

4 Neologismo instigador, que podemos escutar na sua consonância original como materialismo atravessado, perfurado e simultaneamente fundamentado pela “palavra” (“mot”, em francês).

comentários, o verbete intraduzível foi “definido” pelas discussões que gerou durante a oficina, da mesma forma que, ocasionalmente, algumas observações, reações e glosas posteriores ao envio dos intraduzíveis foram incluídas. Nesse caso, o texto fica sem aspas, a não ser que tenha sido recolhido no *chat* da oficina.

Vislumbramos, antes de qualquer comentário, o *moterial* que inaugurou e resultou da oficina. Proponho lê-lo como uma mostra da “louca intraduzibilidade” que orienta, de forma jocosamente engajada, quem se dispõe a fazer e falar da/em tradução de uma forma “não adequada à tradutologia – ao menos àquela que fala de tradução propriamente dita e que supõe, na trilha de Roman Jakobson (1974), a existência autônoma de duas línguas igualmente constituídas” (VERAS, 2013, p. 122):

Anti-léxico dos intraduzíveis da Oficina Psicanálise e (In)tradução:

“**Akimbo**”: “Uma palavra intraduzível com a qual me deparei há alguns anos (...), ela deu um certo trabalho para ser adaptada para o texto que estava trabalhando.” (Patricia)

“**Blasé**”: “intraduzível usado pelo sociólogo Simmel para se referir a um indivíduo que demonstra uma atitude indiferente quanto às coisas em sua volta, mas, claro, o termo vem sendo usado no original há mais de um século.” (Vitória Cristina, que parece tudo menos “blasée”)

“**Bolaca**”: “Uma palavra boba que me lembra a infância, mas pelo que sei, é uma palavra inventada pelo meu pai. Toda a minha família (tios e primos) usamos hoje esta palavra para brincar, mas quando era criança era uma palavra séria. Como não podíamos dizer “bunda”, meu pai nos deixava falar “bolaca”... Já tentei encontrar uma explicação, mas nem mesmo meu pai sabe dizer de onde veio essa palavra. Ele lembra de usar desde que ele era pequeno, lá em Salvador (Bahia). Ele é soteropolitano e viveu em Salvador até os 9 anos”. (Katia)

“**Bruaca**”: “A minha vó falava “bruaca” pra uma mulher preguiçosa, que não cumpria a palavra Eu acho q é uma palavra italiana” (Maria Eduarda)

“Catega”: “tenho uma história parecida com essa da “bolaca”. Ao invés de “cagada” meu tio inventou (acho) “catega” e todo mundo na família usa até hoje” (Lara)

“Chamegoso”: “Minha contribuição ao léxico é a palavra “chamegoso”, que talvez eu tenha inventado, mas é provável que não.” (Álvaro)

“Gordouillette”: “entre gordinha e grassouillette, palavra translinguística que evoca um corpo acolhedor e fofo, através do “douillette” (aconchegante) que ressoa também no final da palavra (Marie-Lou)”.

“Mazelão” : “diferentemente dos seus significados (falha moral, mácula na reputação; estigma, labéu; ferida externa...), essa palavra, que causava muitas gargalhadas, somente quem esteve na Banda naquele período (1996-2001) sabe o seu significado e a aplicação do termo.” (Reginaldo)

“Minhocar”: “é o ato de continuar na cama de manhã depois de acordar, aproveitando um tempo de moleza, preguiça e aconchego. Tenho a lembrança de meus pais me chamarem para “minhocar” na cama com eles numa manhã de fim de semana. Largados, fazendo nada, curtindo uma calma”. (Talissa)

“Nombriliste”: “palavra francesa para dizer egocêntrico, mas construída a partir da palavra “nombril”, “umbigo” em português. Requer uma ousadia do tradutor, uma criação neológica...?” (Marie-Lou, inspirada pelo Curso “Leitura, Tradução e Discussão de textos em francês que desembocou na proposta seguinte: “Umbigocêntrico”).

“Nonada”: 1) “essa é mais óbvia, por causa do meu curso. É a palavra que abre o romance “Grande Sertão: Veredas”. O significado é “coisa sem importância”, sendo a palavra resultante da junção de “non” mais “nada”, como um “não é nada” dito rapidamente. Pessoalmente, acho a palavra linda. Não sei se é pelo significado que ela tem para a obra (uma mistura do coloquial e do misterioso) ou se é pelo som, mas tem algo de muito satisfatório em dizê-la” (Guimarães Rosa/citado por Victoria). [Mesmo que essa palavra faça parte de certa “tradição” da intradução, vale ser apresentada por conta dos comentários que a acompanham. (Marie-Lou)]

“Pitico”: “gosto muito de usar essa palavra, eu e minha irmã usamos como adjetivo em um sentido de pequenino, criancinha, e me traz a lembrança dela, além da sonoridade ser interessante, é fofo, engraçadinha.” (Lara)

“Pópatapátaio”: “no dicionário informal, significa “pó secante, usado para curativos”. É uma expressão que é mais comumente utilizada (ou era, antes dos avanços da farmacologia) no sul de Minas e noroeste de São Paulo. Na verdade, é uma expressão comprimida em uma palavra: “pó para tapar talho”. Minha conexão pessoal com ela é que meu pai gostava de falar (e explicar) essa palavra para mim desde que eu era criança. Eu achava o som engraçado, e meu pai me contava as histórias que ele tinha com tal recurso curativo.” (Victoria)

“Riffs”: “é aquela introdução, seja ela na guitarra ou piano (ou outros instrumentos) “chiclete” que quando ouvida logo se sabe a música que vai tocar, o cantor ou a banda preferida, ou alguma situação vivenciada que marcou época ou ocorrido especial. Traduzir este “RIFFS”... pode dar um trabalho...” (Reginaldo)

“Sabeur”: “mistura de *sabor* e *saveur*, que deixa ressoar o “beurre” em francês e beira o “saber” em português. Palavra densa, saborosamente franco-brasileira, que tem um gosto de saudade e, ao mesmo tempo, fala para mim do tempo lógico em que o português do Brasil veio se enxertar no meu francês *poitevin*; isto é, em que o português entrou em mim por um lado, um lapso, uma dobra da *lalangue*” (Marie-Lou)

“Sagarana”: “Sobre o termo “intraduzível”, baseado em uma das últimas disciplinas que tive, sempre fiquei curiosa sobre como seriam traduzidos os neologismos de Guimarães Rosa. Em especial “Sagarana”, sendo título, mesmo que mantido na tradução do livro para o francês, por exemplo, como poderia ser feita a explicação deste termo que, muitas vezes, nós brasileiros não entendemos à primeira vista?” (Guimarães Rosa/Beatriz) [Cf. “Nonada”. Notamos, por sinal, a curiosidade suscitada pelos intraduzíveis rosianos (Marie-Lou)].

Se[x]o: “Meus pais não falavam sexo com essa sonoridade, e sim com som de “ch”, aí falavam secho...provavelmente por vergonha de falar sobre o assunto.” (Lara). [A respeito desse excelente intraduzível, notamos, em alguns casos, uma função específica do intraduzível (que o “secho” expressa perfeitamente): um “evitar de dizer o sexo”. É o caso de palavras como *secho*, *bolaca* e até mesmo *minhocar* (que evoca a criança se juntando ao casal parental na cama). “De onde vem?” voltaria, como uma interrogação sobre o enigma da sexualidade?]

“Ubuntu” : 1/ ... (Elisberto – sem comentários). 2/ “Uma sociedade sustentada pelos pilares do respeito e da solidariedade faz parte da essência de ubuntu, filosofia africana que trata da importância das

alianças e do relacionamento das pessoas, umas com as outras. Na tentativa da tradução para o português, ubuntu seria “humanidade para com os outros”. Fonte: geledes.org.br” (citado por Camilla, no chat da oficina). 3/ alguns explicam o ubuntu como “eu sou porque nós somos” (Daniella). [Uma palavra muito boa para caracterizar nosso léxico!].

“Unheimlich” : “Esse intraduzível aparece, se não me engano, no Dicionário dos Intraduzíveis. Algumas traduções que já me deparei foram “O estranho”, “O inquietante” e, mais recentemente, “O infamiliar”. Esse termo é caro para mim e para meu projeto, e as diferentes traduções mudam a forma que eu enxergo e entendo o peso que ele tem. Há muita discussão já feita em torno do termo, mas gostaria de acompanhar na oficina algo sobre ele.” (Guilherme) [Outra palavra muito boa para caracterizar nosso léxico!].

“Tcherpo” : “tenho uma parecida [com “bolaca”] também! não sei como surgiu, mas minha bisavó sempre falava “tcherpo” para descrever alguém que ela achava “bobo” – alguém/algo.” (Bruna, no chat da oficina) [depois, descobrimos que a bisavó era italiana – transmissão oral]

“Une-bévue”: “Palavra de Lacan para traduzir – ou, na verdade, transliterar o “Unbewusste” (inconsciente freudiano)” (Marie-Lou, trazendo um intraduzível discutido no Curso “Leitura, Tradução e Discussão de textos em francês”. Uma tradução proposta foi: “um-bem-visto”, interessante na medida em que abre novas possibilidades associativas e teóricas).

*****inho/***inha _ **ito/ ***ita**: “O diminutivo do português e espanhol me interessa muito. Tanto porque o utilizo muito quanto nas novas acepções de positividade para palavras negativas que ele traz. Desgraçadinha (o) é a palavra que mais utilizo no momento.” (Daniella)

Apesar de muito relevante, não caberia, neste texto, produzir uma análise caso a caso dos intraduzíveis. Atenho-me a pontuar algumas recorrências que foram elaboradas durante a oficina.

3.2. *Unheimlich*: da estranha familiaridade dos intraduzíveis

O intraduzível singular, também chamado de intraduzível com “i” minúsculo, tem frequentemente um sabor *familiar*: de lembranças de infância e de família. Uma breve genealogia, aliás, permite remontar a uma avó ou bisavó, passando por conversas com uma irmã, transmissão de histórias ou explicações de um pai, etc. Aí, é interessante notar o fato de que, em um ponto, a origem da palavra intraduzível se perde e, com essa perda, as perguntas surgem: “De onde vem?” (história da palavra? lugar geográfico?), “Foi inventada”? “Quem inventou?”. O familiar vira então estranho e incômodo, isto é, para retomar um termo de Freud (FREUD, 1919, inserido por uma espécie de gesto de meta-intradução no nosso *moterial*), o familiar vira *Unheimlich*. A busca pela proveniência levanta interrogações dizendo respeito ao regionalismo de alguns intraduzíveis – cuja significação (ou não) depende do lugar do mundo em que são enunciados.

3.3. *Glissant*: o intraduzível desliza

Longe de funcionar como chave única, a especificidade dos regionalismos e dos infamiliars deixa aberto um lugar que convoca um tipo de fusão, confusão e efusão das línguas. No vislumbre de intradutologia da vida cotidiana que apresentamos, as línguas não somente coexistem (*riffs*, *nombriliste*, *Akimbo*), mas a fronteira entre um idioma e outro colapsa: pelo jogo da transmissão oral das palavras, o italiano se brasilianiza, e a volta à palavra “originária” não pode ser senão uma italianização original do português (ortograficamente marcada pelo uso dos “tch”, como em “*tcherpo*”). De modo semelhante, uma mesma palavra pode significar em italiano-brasileiro (*bruaca-preguiçosa*) ou em português do nordeste (“o nome de uma comida do nordeste” diz um aluno no *chat*, “mulher feia”, afirma outro). Ou

transitar, passando discretamente de uma língua a outra, sem corte (*nonada, gordouillette*).

Nessa perspectiva, pouco importa a exatidão filológica. Muito pelo contrário, experimenta-se a possibilidade de um deslizamento entre línguas, aquele que faz Lenita Esteves perguntar e afirmar, acerca da ocorrência de *wielderfight* do intraduzível *Finnegans Wake* de Joyce: “Se o texto fonte desliza entre línguas, será possível produzir uma tradução igualmente “deslizante?”; e, ainda, “se todas as línguas, ou um grande número delas, entrarem em jogo, que outras associações poderá trazer essa mesma palavra? O jogo não tem fim, se a regra básica permitir que virtualmente qualquer língua possa ser escutada nessa leitura” (ESTEVES, 2013, p. 78).

Essa ressonância virtualmente infinita, que encontramos de forma paradigmática em Joyce, mas que diz respeito a uma vivência que cada um pode alcançar – se toparmos joycianizar nossas línguas – convoca uma sensibilidade de escuta muito especial, ao mesmo tempo em que requer um esforço. Ora, essa ponte trabalhosa entre Joyce e cada um de nós é lançada pelo filósofo e escritor martiniquense Edouard Glissant, que caracteriza os últimos textos de Joyce de “matagais de línguas” (GLISSANT, 1996, p. 114, tradução minha), antes de testemunhar a necessidade íntima à qual respondeu para poder erguer uma linguagem própria: a de “atravessar o eco” (p. 115), “trilhar através de todas essas espessuras” (p. 116).

Nesse sentido, é o intraduzível “*ubuntu*” que invoco para fazer ouvir o efeito babélico do anti-léxico aqui apresentado. “Falo [...] na presença de todas as línguas do mundo” (GLISSANT, 1996, p. 39) e, se minha intraduzibilidade existe, “é *nois*”. O que poderíamos reescrever, re-intraduzir em sentido contrário e lembrando-nos da poética do Tout-monde glissantiano: “*UbunTout*”!

3.4. Tradutores-poetas de todas as línguas, *éclatons-nous!*

Deixo aí, finalmente e ainda no sentido do pulo fora do “cabimento” tradutológico, a indicação promissora do horizonte anunciado por Edouard Glissant. Quando lhe perguntam o que significa “subverter a língua”, Glissant anuncia, como um *coup d'éclat* – brilho e estouro:

esse dia virá, em que haverá um tipo de variância infinita das sensibilidades linguísticas. Não um conhecimento das línguas, isso é outra coisa. Cada vez mais, as traduções se tornarão uma arte essencial. Até agora, as traduções foram excessivamente deixadas somente aos tradutores, é preciso ali conduzir os poetas. [...] E penso em toda essa variância infinita de nuances das poéticas possíveis das línguas, e cada um de nós será cada vez mais penetrado por isso, não apenas pela poética, a economia, a estrutura e economia de sua língua, mas por toda essa fragrância, esse lampejo [*éclatement*] das poéticas do mundo. (GLISSANT, 1996, p. 122, tradução minha).

4. A (In)tradução à luz da Psicanálise, e vice-versa: perspectivas babelizantes, no cor-a-corps das línguas

4.1. *Energie* translinguística:

Com base nas considerações desenvolvidas a respeito da experiência da oficina “Psicanálise e (In)tradução”, elencamos agora dois eixos de trabalho que poderão permitir, no futuro, um desdobramento teórico do dispositivo de levantamento e produção de intraduzíveis inventados e apresentados. Escrevo aqui “levantamento e produção”, pois um efeito significativo do dispositivo “anti-léxico” (também chamado de *moterial unheimlich* e *ubuntu*) é que, longe de (se) fechar,

ele faz questões, suscitando enigmas e abrindo a perguntas. Assim, quando os intraduzíveis enviados antes da oficina foram discutidos, observou-se nas diversas intervenções mais confusão (Babel!) que respostas e esclarecimentos.

Também se notou uma tendência ao transbordamento do espaço do anti-léxico. Ora falados, ora escritos no chat, transliterados, foi sob o signo da profusão e da proliferação que os intraduzíveis operaram. De fato, quanto mais buscava-se traduzir os intraduzíveis do *moterial*, mais intraduzíveis eram provocados, em uma espécie de geração espontânea e inesgotável de intraduzibilidade! Isso deixa palpável a afirmação de Barbara Cassin (2014, p. 9) quando fala, no prólogo de *Philosopher en langues: les intraduisibles en traduction*, da energia dos intraduzíveis: “uma *energeia*, uma energia como a língua e as línguas, e não um *ergon*, uma obra fechada, ensimesmada” (tradução minha).

Para adentrar mais precisamente na teorização desse movimento, seria importante refletir sobre uma noção de translinguismo “não adequada” à Linguística, que poderia abarcar, simultaneamente, o movimento de travessia dos nossos matagais de línguas (com Glissant), a energia dos intraduzíveis (com Cassin), a textura languageira própria dos sujeitos multilíngues e, quando vier a calhar, um acontecimento de língua que borra as fronteiras entre os diversos idiomas. Que fique aqui registrado o projeto, à guisa de primeira perspectiva babelizante.

Esse apelo translinguístico, pelo qual um intraduzível chama outro – e outro, e mais um, e mais alguns ainda – configura, até certo ponto, uma experiência prazerosa. No tempo compartilhado da oficina, foi a gozação e o deleite que presidiram às trocas. No entanto, vale lembrar que, no *cor-a-corps* das línguas⁵, o efeito de excesso pode levar o

5 Invento, aqui, a expressão “*cor-a-corps*”, para manifestar, quase performaticamente, a intraduzibilidade do equívoco e da hibridação translinguística. Ele proporciona, também, uma referência a um artigo do psicanalista Thamy Ayouch que foi comentado durante a oficina – em que a eficaz clínica da equivocidade em “mais de uma língua” é mostrada, a partir de um fragmento clínico envolvendo “*corps*” (corpo) e *cor* (AYOUCHE, 2015).

sujeito a certo grau de tonteira, quando não de loucura (cf. VERAS, 2013). Nesse ponto, “a primazia de um mais-de-traduzir sobre qualquer a-traduzir é externada, tornada legível” (LERY-LACHAUME, 2020), e a intradução revela seu avesso: a “transtradução [que], em última instância, é mostração”, “apresentação monstruosa da necessidade imperiosa que vigora para além do entre-duas-línguas” (LERY-LACHAUME, 2020). É preciso, portanto, tocar com certa cautela nos intraduzíveis; o contraponto do seu sabor delicioso podendo indicar uma dose de abominação.

4.2. *La langue, Lalande, lalangue, leslangues, l'élangues ...*

Restaria ver como essa descoberta, propiciada pela prática da Intradução, poderia recair sobre a teoria psicanalítica. Sem entrar em pormenores, menciono dois pontos sensíveis. O primeiro visa a oscilação, no ensino de Jacques Lacan, entre uma abordagem de *lalangue* e o que foi frisado, no seminário sobre Joyce, com “*l'élangues*” (que equivoca com “*leslangue*”).

Sobre *lalangue* (LACAN, 1971), é possível acrescentá-la ao anti-léxico dos intraduzíveis singulares. Com efeito, é importante lembrar que, antes de ser reduzida ao estatuto de noção da teoria psicanalítica – infelizmente bem-entendida demais –, a própria palavra, em uma só palavra, surgiu de forma inesperada e incandescente da boca de Lacan, durante o seminário inédito *O Saber do psicanalista* em que se tratava de “Lalande”... nome de um famoso dicionário de filosofia...

Lalangue: Consequência de um lapso de Lacan, *lalangue* foi aproveitada pelo psicanalista como um empurrão teórico. Ela interpela quem deseja pensar a tradução a partir do real do intraduzível, ou seja, deste “corpo das línguas” (CASSIN, 2016) que Barbara Cassin, pluralizando felizmente o “corpo verbal” derridiano, permite-nos vislumbrar no ponto cego do “umbigo” freudiano. O termo “*lalangue*” – belo exemplo de “intraduzível”, diga-se de passagem – remete-nos pela sua própria forma à ideia de uma espécie de proto-estrutura linguística (*lalangue*, *alíngua*, ou seja, aquilo que antecede *la langue*, a língua como sistema de signos distintos e articulados numa cadeia de significantes). Ademais, o significante “*lalangue*” nos obriga a escutar, mediante o *lalalali* da aliteração do “l” (*lalangue*, *alíngua*), os ruídos da massa-significante que Lacan chamou também de “diz-menção” e nos estimula a lidar na prática com essa matéria-prima de *lalangue* (“*d’alíngua*”, ousaria em português) que se abre no inconsciente e que, totalmente permeada de equívocos, participa do enigmático “saber do psicanalista” (nome do seminário fonte do lapso *lalangue*).

Uma vez restituída *lalangue* à sua dimensão de acontecimento de língua, ou, mais precisamente, de acontecimento de *lalínguaeLacan*, restaria pensar uma articulação menos comentada (um tipo de chiste, mais do que um lapso): *l’élanguages* (LACAN, novembro de 1975).

Por que *l’élanguages*, se (já) existe *lalangue*? A que limite de *lalangue* responde a proposta de alterar o neologismo, fazendo-nos ouvir ao mesmo tempo uma pluralização (*leslangues*) e um elã⁶ (*l’élanguages*). Teríamos, aqui, o índice de uma nova orientação, cuja bússola desnorteadora seria fornecida pelos intraduzíveis? Se o texto literário e a escrita poética, convidam-nos a apreender de forma privilegiada aquilo que Lacan transmitiu com *lalangue*, o trabalho de (in)tradução desses mesmos textos, que envolve mais de uma língua-idioma (e, no caso de Joyce, bem como no caso da oficina, mais de duas línguas;

6 Esse mesmo elã que leva de *la langue* a *l’élanguages* passando por *Lalande*, *lalangue* e *leslangues* em “francês” e que, em português e pelo jogo da tradução do intraduzível, arremessa: *aslínguas?*, *alínguas?* *eláínguas?*

muitas línguas), poderia nos permitir tatear aquilo que muda, mexe, desliza, fica ou transborda de *lalangue* de partida?

Nesse sentido, a reflexão sobre a prática da Intradução deve inaugurar um melhor entendimento da forçagem de *lalangue*, noção-lapso de Lacan talvez insuficiente a alcançar experiências radicalmente translinguísticas. A orientação em direção de *l'élangues*, ponto que me parece fundamental na clínica dos sujeitos multilíngues apesar de pouco explorado da teoria psicanalítica, poderia, com a Intradução, encontrar uma sustentação valiosa.

Referências

AYOUCH, Thamy. “Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência”. *Estud. psicol.* (Campinas) [online]. 2015, vol.32, n.1.

CASSIN, B. (dir.). SANTORO, F.; BUARQUE, L. (org.). (2018). *Dicionário dos intraduzíveis. Um vocabulário das filosofias*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

CASSIN, Barbara. *Philosopher en langues: les intraduisibles en traduction*. Paris: Éditions de la Rue d'Ulm, 2014.

GLISSANT, Édouard. (1996). *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard.

ESTEVES, Lenita. “Finnegans Wake e o Chiste: O Riso do Outro Lado”, in TAVARES, Pedro Heliodoro; COSTA, W.C.; PAULA, M.B. (org.) *Tradução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2013.

LACAN, Jacques. (1971-1972) *Seminário 19b: O Saber do psicanalista*. Inédito. Disponível em francês em: <<http://staferla.free.fr/S19/S19...OU%20PIRE.pdf>>. Acesso em: 12 de mar. 2021.

_____. (1975). “Conferência em Genebra sobre o sintoma”. In *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (23). São Paulo: Edições Eolia, 1998.

_____. (1975-1976). *Seminário 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LERY-LACHAUME, Marie-Lou. “Para sair do entre-duas-línguas: a tradução como prática de desconfinamento”. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas [online]. 2020, v.59, n. 2, p. 946–971, 2020.

VERAS, Viviane. “Da Loucura da Tradução à Tradução da Loucura: Formas de se Outrar”, in TAVARES, Pedro Heliodoro; COSTA, W.C.; PAULA, M.B. (org.) *Tradução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2013.